ENTRE A CIÊNCIA E O ESTIGMA: O IMPACTO DO HIV NA GESTAÇÃO E NA SAÚDE MATERNO-INFANTIL

Daniel Leite de Oliveira[1]
Flavia Alves Amorim Souza Sales[2]
Kênia Alessandra de Araújo Celestino[2]

RESUMO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) na gestação representa um desafio de saúde pública que envolve tanto avanços científicos quanto barreiras sociais. A transmissão vertical, que pode ocorrer durante a gravidez, no parto ou amamentação, pode ser reduzida a menos de 1% quando há diagnóstico precoce e uso adequado de antirretrovirais. O objetivo deste estudo é analisar o impacto do HIV na gestação, assim como os desafios relacionados ao estigma social que dificultam a adesão ao a prevenção da transmissão vertical para a criança e subsequente ao tratamento. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica em artigos científicos encontrados nas bases de dados do CAISM/UNICAMP, no GOV, relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS) e dados do Ministério da Saúde publicados entre 2019 e 2024. Os resultados indicam que o Brasil dispõe de protocolos gratuitos e eficazes de profilaxia da transmissão vertical e de tratamento antirretroviral, contudo, persistem casos decorrentes de desigualdades no acesso, diagnóstico tardio e estigma associado à infecção. Conclui-se que o enfrentamento do HIV na gestação demanda não apenas avanços científicos, mas também políticas públicas integradas, ações educativas e intervenções sociais voltadas à redução do preconceito e à garantia da adesão ao cuidado contínuo, assegurando o direito à maternidade segura e à eliminação da transmissão vertical do HIV.

Palavras-chave: Estigma; Gestação; Saúde Materno-Infantil; Transmissão vertical; Vírus da Imunodeficiência Humana.

1. Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Universo Goiânia.
2. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Universo Goiânia.